S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 20 junho de 1914 — ANO XIII — N. 248

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO. . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Toda correspondencia ao director

A LENDA DE S. JOÃO

A lenda popular da degolação de S. João traz implicita a sedução amorosa e as dansas da festa hetairista da hierodula personificada em Herodiade. Ozanam conta esta lenda de S. João, tal como anda na poesia latina da Idade-Media:

"Contava-se que a filha de Herodes, possuida de um "amor criminoso" por S. João Batista, não pudera ocultar a seu pai o segredo da sua paixão. Herodes, furioso, vingou-se pelo suplicio do profeta. Então a princeza mandou vir em um prato a cabeça sagrada, e tomando a nas mãos quiz imprimir-lhe um beijo com os labios impuros. A cabeça virou-se, soprando sobre ela; e a virgem culpada arrebatada por este sopro, voou pelos ares. Acrescentava-se que cada noite Herodiade recomeçava a sua carreira aeria, que não deveria acabar senão no fim do mundo..." A mesma morte do Batista tiveram-na Penteu pela mão de sua mãe e suas irmãs, Orfeu na Tracia, e Licurgos em Nisa; vê-se que é uma apropriação dos cultos orgiasticos, em que ha tambem uma forma de virgindade nativa. O grito baquico da orgia "Io Evan", parece personificar-se na forma de "Iohanes". As bachantes que usavam o tirso, eram hierodulas que faziam voto de castidade, e que segundo Euripides e Nonnus se defendiam violentamente contra os que as atacavam. E' importante esta lenda de Herodiade, pelas suas relações com a lenda do "Judeu Errante", e com a de Malco ("Malik"). Ozanam aponta como uma das redacções mais antigas da lenda de Herodiade, a que se acha nas "Praeloquia", do bispo de Verona, Rathier, morto em 974; na redacção latina do poema do "Renard" (Rheinardus, 1130-1150) vem desenvolvida, e Ozanam, imitando a forma das narrativas de Ovidio. A perdição e sedução das mulheres pelo tipo lendario de "D. João" tem evidentemente origem nestes vestigios dos cultos orgiasticos. Os banhos nas ribeiras no dia de S. João é um costume que ainda persiste em Portugal; Ozanam alude ao seu caracter cultual: "No seculo XIV, Petrarcha achando-em Colonia, na vespera de S. João, observou uma solenidade que o impressionou, e que deixou descrita nas suas cartas. As mulheres da cidade, coroadas de flores, tinham-se reunido á borda do Rheno; ali elas se ajoelharam para imergirem na agua as mãos e os braços, murmurando palavras supersticiosas: era uma persuação geral, que o rio levava com a ablução deste dia todos os males que ameaçavam o ano". Por este rito se vê que a lenda do Batista se liga ao culto dos charcos e das ribeiras, que se conhece nas formas de Artemis "potamia" ou "limnæa".

Assim como nas lendas de S. José se vêem os vestigios do "culto falico" em contraposição com o "culto hetairista" da prostituição sagrada da deusa Annah, conservado nas lendas de Santa Ana, a mesma oposição se observa nas lendas de S. João Batista, essencialmente falicas. Os seus caracteres conservaram-se na imaginação popular, identificando-o com os Satiros pagãos, ou vestido com o surrão de peles ou perseguindo as mulheres como os demonios incubos. A sua morte é causada por uma mulher, Herodias, bailadeira ou hetaira, que, segundo a lenda, pede a sua cabeça em premio. Os Satiros eram chamados "ficarius", por causa das pontas ou cornos que tinham na cabeça (ficus, fici). S. João Batista tem a figueira como arvore que lhe é consagrada. Nos Contos de Promigliano figura uma figueira temporã, que faz nascer os cornos a quem lhe come os figos; a "flor do feito", colhida na noite de S. João, dá um grande poder ao homem sobre a vontade de todas as mulheres. Ha aqui uma identificação do "feito" com o "fatuns", nome que se dava aos Satiros. Os principais filtros amorosos são celebrados na noite de S. João em todos os povos. As cantigas populares conservam situações falicas referentes a este tipo lendario da Santa Familia:

S. João por vêr as moças
Fez uma ponte de prata;
As moças não vão por ela
S. João todo se mata.

S. João foi para o mar
Com vinte e cinco donzelas;
Embarca, não desembarca,
S. João no meio delas.

A lenda de S. João implantou-se nos povos indo-europeus sobre elementos politeistas solares; daqui a sua vitalidade. As literaturas e Arte europeia desde o fim do seculo XVI desenvolveram em criações esteticas este tipo falico.

O modo como o culto e lendas de S. João se ligam ás lendas e ritos do Natal, reconhece-se pelo seu sentido solar; á festa do "solsticio do Inverno", que os Persas celebravam em 25 de dezembro ("Mirrhagan"), havia a sua correlativa ao "equinocio da primavera" (Mihirgan) como indicam Greuzer e Guiguiaut. Se os primeiros cristãos receberam do Mitriacismo em Roma os ritos particulares do Natal, forçosamente aceitaram o sistema cultual, celebrando tambem o equinocio da primavera personificado no S. João. Em um Sermão de S Eloy, do seculo VII enumerando as crenças pagãs que se devem evitar, diz-se: "Que na festa de "S. João", e em outras solenidades dos santos, "que se não faça caso do solsticio"..." O sono de S. João, e o esquecimento do seu dia, é celebrado nas cantigos populares como reminiscencia do sentido astronomico.

Teofilo Braga.

ROMA — *Os rebeldes devastaram e incendiaram diversas igrejas. — (Dos jornais).*



— Valham-nos todos santos! Que será de nós se a moda pega e chega até esta hospitaleira terra?

Da Porta da Europa

"INDISCIPLINA SOCIAL"

LISBOA, 23 DE MAIO.

Não apagada ainda, inteiramente, a recordação do acto dum trabalhador que, expulso por greve, exasperado pelas privações, matou um oficial de marinha mercante que lhe negava trabalho; ainda quente e palpitante o caso da Covilhã, aqui referido a semana passada, — a miséria, com a ajuda do exemplo, produziu nestes dias dois factos similares, nos quais ficou gravemente ferido um engenheiro-chefe du-ma companhia ferro-viária e morto o chefe do serviço do cais duma empresa de navegação, ambos «homens enérgicos e disciplinadores», como dizem as gazetas com elegante eufemismo.

A história do autor dêste último acto de revolta é característica. Foi expulso por motivo de greve, há mais de um ano. Trabalhou ácidentalmente, sofreu longas semanas de desocupação, passou fome, a miséria e a doença hospedaram-se-lhe no lar escuro. Mendigou trabalho com insistência. E matou.

Parece que está legalizado o direito de greve. Reconhece-o a lei... mandando por desfastio acutilar e prender os grevistas. E' para proteger a «liberdade de trabalho». Porque há também uma liberdade de trabalho; os senhores não sabiam?

Essa liberdade de trabalho e êsse direito de greve, os patrões respeitam-nos, despedindo os grevistas e punindo-os com a privação do serviço e do relativo salário.

Não falta quem, complacentemente, declare os capitalistas, os industriais, não donos ou proprietários, mas simplesmente administradores da coisa pública. O diabo é que administrar exclusivamente as coisas é governar os homens, que delas dependem e com elas vivem. A administração privilegiada das coisas, a do chicote ou da prisão e a do veneno para os cérebros — eis, através dos tempos, três modos de escravizar e de explorar, o primeiro dos quais é o mais eficaz e o mais fecundo em arbítrios.

O operário não pode reclamar uma parte nessa administração das coisas. Se o faz, se, consciente ou inconscientemente, se encaminha para a administração comum e directa da riqueza social, se tende para a comunização dos meios de produzir, — os actuais *administradores* exclusivos, patrões e governantes, revindicam altamente e defendem com ferocidade o seu direito monstruoso de dispor das coisas e dos homens, de reduzir a produtividade daquelas e de suprimir a vida dêstes.

Se não pode aguentar as consequências dêsse «direito», que deve fazer o proletário? Suicidar-se, é boa! Se o Manuel Alcochetano, que matou o seu superior, se tivesse modestamente suicidado, — nota um jornal operário, — o incidente teria passado despecebido. Um *fait-divers* sem importância. Assim, é a indignação, é o sobressalto. Que um patrão, uma companhia, os patrões combinados matem á fome, lentamente, um operário, nada é: estão no seu direito. O crime é matar um dêsses patrões a tiro, de repente. Moral de classe. E' a velha e sabida história do selvagem: «O bem é quando roubo a mulher do vizinho; o mal é quando êle ma rouba a mim.»

Um conspícuo senador falou mesmo, inquieto e severo, em «indisciplina social». E reclamou providências. Pede, para as companhias, nada menos do que o direito de mandar examinar os seus operários insubmissos, afim de serem internados em colónias penais agrícolas, como anormais! Um colega teve a candura de perguntar onde acaba o normal e o que é o anormal... Que o pergunte ao selvagem: «Normal é aquele que se sujeita sem piar, passivamente, à exploração e à miséria; anormal é quem se insubordina contra o nosso privilégio.» Normal é... o senador que faz tais propostas!

Tôdas estas indignações, todos êstes espantos ante a revolta do proletário, acossado pela fome, impelido ao desespêro pela miséria, causam asco, partindo de gente tôda susceptível e delicada em pontos de honra, de gente que atroa o mundo com clamores e bramidos de protestos quando lhe arranham simplesmente a epiderme, de gente que recorre ao duelo e mesmo ao revólver à mais ligeira beliscadura na sua dignidade preciosa!

Providências! Mas como hão-de evitar as explosões de revolta individual?

Encerrando numa colónia penal o proletariado em pêso?

Ou suprimindo a exploração patronal, o direito de vida e de morte dado aos senhores das coisas?...

Haveis de ver que tudo redundará num redobramento de severidades para com a franca expressão do pensamento e as ideias de emancipação.

Haveis de ver que a conta será paga sobretudo por aqueles que, reconhecendo embora o inevitável dos actos de revolta individual com a presente constituição da sociedade, confiam primeiramente no esfôrço colectivo e procuram dirigir contra as instituições e os preconceitos o assalto combinado dos oprimidos e a rebeldia consciente dos que aspiram a novas e melhores formas de convívio social.

Neno Vasco.

O peso da alma

Alguns carolas, medicos e não medicos norte-americanos descobriram que a alma humana pesa 15 gramas!

Um redactor de *La Libre Pensée*, de Lausana, lembra que, em tal caso, são inuteis as missas e rezas pelas almas: basta manda-las para o ceu numa simples carta, com o peso ordinario para porte simples. A despesa é pequena: como o ceu deve ser considerado nação estrangeira, é bastante um selo de 200 réis.

Uma empresa que urge apoiar!

O "Cinema do Povo"

Da Comissão Administrativa do "CINEMA DU PEUPLE", de Paris, recebemos a seguinte comunicação, que com prazer publicamos:

Ha alguns meses, quando o "Cinema do Povo" anunciou o seu nascimento ao publico, foi um só clamor: "Mais uma iniciativa que nasce morta!"

Os militantes estão, com efeito, fartos de ver dessas tentativas que abortam lamentavelmente. Para que, na verdade, secundar uma tentativa que sabemos votada ao malogro? Aqui está, porêm, um esforço que parece desmentir os prognosticos dos maus agoireiros.

O "Cinema do Povo", fundado ha uns oito meses, ainda vive! Melhor: pretende desenvolver-se!... Dado á luz a 28 de outubro de 1913, com um capital de 1.000 francos, acaba a assembleia geral de 17 de maio pp. de elevar o capital social a 30 000 francos, emitindo 600 acções de 50 francos cada uma. Sabeis o que fez o "Cinema do Povo" com esse inicio modesto e insignificantes recursos?

Fez o seguinte: Primeiro, as *Miserias da agulha*, comovente drama em que ha uma mulher em luta com as dificuldades da vida e que só se salva graças á acção solidaria dos trabalhadores. — Depois, a *Comuna*, de 18 a 28 de março de 1871, fita exibida com o exito que se sabe no Palacio das Festas, em fins de março ultimo. — Por fim, o *Velho trabalhador das docas* e *Vitima das Exploradas*, dois dramas pungentissimos em que se vê desfilar no pano uma pagina dolorosa da vida dos trabalhadores.

O "Cinema do Povo" cinematografou os funerais de Pressensé. Nem um só cinematografo burguez mandou um operador reproduzir o enterro dum grande socialista e homem de bem.

Desde a sua fundação, editou o "Cinema do Povo" 4.895 metros de positivas. Tem correspondentes na Belgica, na Holanda, no Luxemburgo, na Italia, na America do Norte e em Havana. E' uma obra que tende a tornar-se internacional.

Temos scenarios prontos para serem cinematografados. — *Francisco Ferrer!...* Este titulo fará reviver a bela vida de Ferrer e a sombria tragedia de Montjuich. O fundador da Escola Moderna de Barcelona será glorificado pela tela cinematografica, para que ás gerações se lembrem do fuzilado pela intolerancia religiosa.

Biribi. — E' o caso Aernoult-Rousset, reconstituido. Um drama comovente e veridico, projectado no *écran*; um drama ante o qual vibrará o povo do trabalho á vista das torturas infligidas a um homem da sua classe.

A Comuna. — De 28 de março á Semana sangrenta. Será o terceiro *film* que o "Cinema do Povo" tenciona editar no decorrer deste verão.

Isso não se faz sem dinheiro. A assembleia geral, em sua reunião de 17 de maio, resolveu lançar "Bilhetes de emprestimos" de 5 francos, reembolsaveis por meio de sorteio a partir de julho de 1915.

O Conselho administrativo, que recebeu o mandato de continuar a editar daquelas fitas, para as dar ao publico no começo do outono, crê que será ouvido o seu apêlo. Os bilhetes de emprestimo vão ser brevemente expedidos aos grupos de vanguarda e a algumas personalidades que simpatizam com a obra educativa do "Cinema do Povo".

O Conselho roga ás organizações e aos cidadãos que façam todo o possivel para adquirir a sua propria conta ou por conta de pessoas das suas relações esses bilhetes de emprestimo. E' fazer boa propaganda o contribuir para que um cinematografo popular prossiga na sua obra salutar.

Ajude-se o "Cinema do Povo" a ser o contraveneno dos cinematografos indecentes, que realizam por toda a parte, tanto nas cidades como nas vilas e aldeias, por meio de fitas amiude malsãs, uma propaganda de embrutecimento da classe operaria e camponesa.

O Conselho Administrativo.

N. B. — Para informações complementares e para pedidos de bilhetes de emprestimo reembolsaveis, escrever ao secretario do Conselho, Y. BIDAMANT, 67, rue Pouchet, — PARIS, ou a PAUL BENOIST, 32, rue Fondary, PARIS.

IGREJA ROMANA

Os milhões de religiões e seitas que existem, todas se dizem e se consideram verdadeiras. Quer dizer que todas são falsas, porque a verdade é uma e unica. Para se descobrir a verdadeira religião seria tão dificil como, diz Montesquieu no *Espirito das Leis*, distinguir a linha branca no leite, ou a preta nas trevas.

A Igreja catolica, apostolica, romana, por ser a mais intolerante, a mais intransigente, a mais refrataria e autoritaria, não está livre do grande erro de origem e de todas as suas consequencias. Tudo aí é problematico: desde o seu fundador Jesus Cristo até as suas doutrinas. Nem sequer ha a vantagem da originalidade, porque tudo é plagiado.

A trindade, o baptismo, a eucaristia, a confirmação, a confissão, a penitencia, o arrependimento, o anel da aliança, a esmola, a purificação, a tonsura clerical, a hierarquia sacerdotal, o baculo, a mitra, a excomunhão, o exorcismo, o direito divino, a primogenitura, os conventos de homens e mulheres, o escapulario, as santas indulgencias, o culto dos santos, etc., até o sinal da cruz, tudo foi tirado do Indianismo.

A cruz da religião cristã é o simbolo religioso muito empregado na India e sobretudo na India antiga.

Para se verificarem estas verdades, basta que se leia o precioso livro pe Jus-Buddha, pagina 268 e seguintes, em que vem o quadro comparativo de todos os plagios feitos pela Igreja Romana. O proprio Jesus tem existencia problematica, pois que todos os historiadores seus contemporaneos, não se referem á sua existencia. O silencio da historia é expressivo. Apenas dois evangelistas referem-se a alguns factos insignificantes da vida de Jesus.

Suetonio falando dos acontecimentos do ano 52 diz que Claudio expulsou de Roma alguns judeus que se revoltaram por instigação de Cristo, dizendo que tal Cristo era um judeu obscuro e nada mais diz sobre ele.

Nos *Anais*, Tacito diz, *que no ano 44 foram flagelados alguns judeus que o vulgo chamava cristãos, por seus crimes; tendo então desaparecido a execravel superstição ensinada por esse Cristo.*

BIBLIA VERMELHA

Dizia (o General Osorio) que o seu maior desgosto era ver sua patria em luta, e achar-se em um campo de batalha; e que a sua data mais feliz seria aquela em que lhe dessem a noticia que os povos — os civilizados pelo menos — festejavam a sua confraternização, queimando os seus arsenais.

(Historia do General Osorio, por *Fernando Luiz Osorio, p. XXVI*).

Diz o adagio: «Quem não trabalha não come». Mas quantos comem que nunca trabalharam, e quantos trabalham que nunca satisfizeram, por completo, a sua vontade de comer!

L. Buchner.

A existencia de Cristo, assim como a sua vida e doutrina foram inventadas, ou antes, plagiadas muito tempo depois da sua problematica existencia.

Os erros de data, assim como a doutrina expendida nos evangelhos mostram que Cristo jamais existiu. (Vide Salomão Reinach: *Historia Geral das Religiões*).

Pelo que vemos, Jesus Cristo teve existencia problematica, e os evangelhos não foram escritos pelos apostolos.

Em relação á divindade de Cristo, os evangelhos não fazem referencia a esta sua qualidade.

A santissima madre igreja catolica apostolica romana quer passar como a escola mais livre de todas as existentes. Não é verdade. Ela admite a escravidão. Assim ensina: «Escravos obedecei a vossos senhores na simplicidade de vosso coração»; (EPHS; VI): «O escravo que conhecer a vontade do seu senhor e desobedecer, será castigado». (Lucas XII, 47 e 48).

A mesma igreja que tantos rapapés faz hoje ás mulheres, já no seculo sexto da éra cristã punha em duvida se as mesmas tinham ou não alma, sendo esta questão discutida em Concilio. (Vide Barão de Bonnat: *Variações e contradições da Igreja Romana*).

Em relação á intolerancia da mesma igreja basta que nos reportemos aos horrores da Inquisição para vermos quanto ela é doce, afavel, carinhosa com seus filhos, queimando-os aos milhões, tudo para que todos fossem habitar o reino dos ceus.

Em relação á sagrada escritura, campreendendo o antigo e novo testamento, aconselhamos a leitura de Miron: *Exame do Cristianismo*, aí se verão os erros de fisica, historia natural, geometria, cronologia, biologia e moral, e todas as inconsequencias da mesma igreja.

Relativamente ao famosissimo Moysés, sua existencia não passa de uma fabula; aconselhamos a leitura de Jacolliot: *Moysés, Manu e Mahomet*.

Com tudo isto poderemos, concluindo, dar um «viva» estrepitoso á santissima religião catolica apostolica romana.

Pobre Brazil! A Republica, na sua carta constitucional, estatuiu a liberdade de cultos, o que quer dizer ampla liberdade da fradaria estrangeira apoderar-se do patrimonio nacional e ainda com a agravante de reconhecer uma soberania estrangeira, como a do papa, no territorio brasileiro.

O futuro do Brasil é negro como a roupeta da fradaria estrangeira.

Bragança — Junho — 1914.

Ganganelli.



Secção amena

Segundo o jornal Nerbuda, *de Praga, eis a diferença existente entre os democratas-cristãos e os conservadores:*

— Os conservadores querem tosquiar a ovelha segundo o antigo sistema, isto é, com tesouras, e os democratas-cristãos pretendem tosquia-la á moderna, isto é, á maquina.

♣ ♣ ♣

Na aula de catecismo:

O padre, untuoso:

— Menino, dize-me, quem é que nos dá o pão de cada dia?

O pequeno, filho dum leitor da Lanterna, *com ar malicioso:*

— A mim é meu pai; ao senhor, meu pai diz que são os imbecis.

♣ ♣ ♣

O Maneco, antes de entrar para a aula, partiu com uma pedrada um vidro da janela da escola. Entra todo receoso e preocupado, na previsão de iminente tempestade.

— Quem fez o mundo? pergunta a professora, quando ele vem entrando.

— Fui eu, diz o Maneco soluçando; mas não o torno a fazer...

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

Alemanha

Uma povoação de herejes

Segundo um jornal alemão, citado por *La Pensée*, ha no distrito de Gruenau uma pequena cidade-jardim, Falkenberg, cujos cem habitantes são quasi todos livres pensadores. A povoação, muito atraente e garrida, está destinada a rapido aumento, com elementos da mesma natureza. Os habitantes são em geral fortes e sadios, de aspecto alegre e inteligente.

O diabo é se Deus Nosso Senhor, apanhando-os juntos, lhes manda um raio, um terremoto ou um vulcão — gentilezas que ele até agora tem reservado aos seus fieis da Sicilia e da Calabria...

Croacia

O livre pensamento

A mobilização por ocasião da guerra nos Balcans e o despotismo do governo hungaro paralisaram a propaganda livre-pensadora na Croácia. Renasce, porêm, agora, como o prova uma brochura de Dawrin Trstenjak, professor aposentado e vice-presidente do Livre Pensamento em Zagreb (Agram). Eis como termina:

«Perguntam-nos alguns porque lutamos contra o clericalismo catolico e deixamos em paz os outros. Eu disse já que todas as religiões teem o seu clericalismo, que ele existia entre os antigos levitas, que existe no judaismo, na ortodoxia, mas em parte nenhuma tão cruel, tão funesto — dados os grandes capitais de que dispõe e a sua extraordinaria organização — com o clericalismo catolico.»

A' mulher operaria

Definhas, pobre flor, nessa estufa doentia
Onde impera o Trabalho e reina a Tirania,
Onde a Fome roaz brama de sol a sol.
Brotaste na miseria e foste destinada
A sofrer, trabalhar e morrer estiolada,
Sem que em teu rosto brilhe a luz dum arrebol!

Nessa furna sem ar e malsã — a Oficina —
A Sociedade vil, corruptora, assassina
Com ferozes grilhões te enleou e te prendeu.
E o infame Capital o teu suor devora,
Como a aguia da Legenda espicaçava outróra
A forte carnação do heroico Prometheu!

Para o mundo actual tu és, unicamente,
Fonte de espoliação, a maquina inconsciente
Que produz — e procria o infeliz que amanhã
Vestirá a libré e a farda do soldado
E será o ladrão, o assassino, o forçado,
O torpe explorador de imunda barregã!

O' mulher infeliz, luta, trabalha, morre!
Mas o sangue, o suor que da fronte te escorre
Vai formando esse mar de furia e indignação
Em que ha-de submergir um dia o Despotismo,
Que ha-de fazer nascer, após o Cataclismo,
Um Mundo mais humano e sem falta de pão!

Raymundo Reis.

48 horas no Asilo Bom Pastor do Rio

O que observou e está publicando uma reporter

A HISTORIA DO "GATO BRAVO"

Dali seguimos para os dormitorios. Iamos iniciar o trabalho diario. Dos dormitorios todas saimos carregando os jarros, a caminho do pateo interno.

Pelo caminho serviu-me de companheira uma pequena espigada, de cara redonda, de caixeirinho de venda, cabelo castanho, enrolado numa insignificante trança dura e espetada como cauda de cavalo cortada...

Essa pequena, de quem eu não pude saber o nome, fala com uma tremenda fertilidade.

Aproveitei-a:

— Sabes quem é o "gato bravo"?

— Ah! Tu já sabes?! O "gato bravo" é a maluca da Marciana. A Marciana tem uma historia. Ela contou-ma um dia no recreio. Sabes que a Marciana fugiu da casa dos pais, que moram em Botafogo, com o jardineiro. O jardineiro era preto. Ela gosta muito de gente de côr. Sabe que o preto deixou-a. Deixou-a como a propria familia a abandonou. A Marciana ficou sozinha, a viver na Lapa, com as desgraçadinhas, até que a policia, porque ela é menor, pegou-a e ela veiu ter aqui ao Asilo. Como tudo isso, sabes? a Marciana ficou desarranjada. Ri á tôa, sabes? Ri como uma patetinha e gosta de andar sozinha pela chacara, a pular, a rasgar o vestido! Maluca, maluca! Até nos dias de chuva, sabes? a Marciana vai para a chacara. Por isso nós chamamos-lhe o "gato bravo"...

Era terrivelmente dolorosa a historia que aquela criatura me estava contando.

Cá em baixo, no pateo, ficamos em fila, com os jarros, esperando a agua que era distribuida por duas asiladas, em grandes regadores.

Voltamos. E não pude vêr ainda a pequena loira. Que teriam feito á pequena loira, cujos gritos encheram uma longa noite do Asilo?

O trabalho era feito sem esforço, sem pressa. Era uma obra rimada, igual, paciente, como o esforço das juntas de bois no trabalho rural.

Os dormitorios depressa ficaram prontos. Tive que exercer os meus vagos conhecimentos no manejo da vassoura. Era um exercicio e qualquer exercicio, naquele momento, ser-me-ia proveitoso.

Arranjados os dormitorios cada uma foi tratar da sua tarefa.

Umas foram para o tanque lavar. Outras seguiram para a cozinha, outras foram engomar os paramentos da capela.

Muitas ficaram na sala de aulas entregues aos seus bordados, ás suas costuras ás suas pinturas. Era uma pequena colmeia activa agora alegrada pelos sons suaves de um piano, o unico, parece, que existe na casa, e que era tocado com um certo sentimento por uma pequena morena, de lindo cabelo anelado, e de uns olhos pretos extraordinarios.

Essa criatura levava uma vida áparte das outras asiladas. Estudava piano, tinha uns modos profundamente distintos, era de um temperamento arredio.

Que fazia ali? como se chamava?

Pareceu-me que a chamavam pelo nome de Helena. Helena de que? Qual seria a sua historia e a sua origem? Parecia inteligente e nervosa, um pouco saxe pela fragilidade da sua graça.

Não me davam nada para eu fazer. Apenas a Celestina, que é uma bela pintora, e que nesse dia concluira um formoso estandarte pintado para S. Paulo, e destinado a uma irmandade ofereceu-me um livro de orações:

— Para se distrair um pouco...

O livro de orações só distrai quando se está em estado de alma que pede uma prece. A minha alma inquieta e curiosa só teria naquele livro um pesado motivo de castigo.

Passei os olhos pela parede da sala. Era nua e branca como uma folha de papel. Nem um motivo arquitetonico para passar a vista. Apenas ao fundo, no balcãozinho da madre estava o crucifixo em madeira preta fazendo sobresair a carnação maguada do Cristo crucificado.

Estivemos assim quanto tempo?

Pareceu-me um seculo!

O sol, lá fora, devia já esquentar as plantas e provocar a sede aos animais.

A mestra bateu palmas.

Certamente iamos sair..

Ainda não! Era a hora da aula de catecismo.

Emilia Brandão.

UM TIO HEREJE E UM SOBRINHO SEMINARISTA

Por intermedio de um camarada de Candido Rodrigues, chegaram-nos ás mãos duas curiosas cartas: uma de um sobrinho seminarista residente na Italia, dirigida a um tio livre-pensador, que se encontra aqui no Brasil, e a outra contendo a resposta que este lhe deu.

Vamos traduzi-las e publica-las no nosso proximo numero pois, pelas coisas interessantes que dizem, são bem merecedoras disso.

DE BELO HORIZONTE

UM CONGRESSO CATOLICO

Pretendem engasupar a classe operaria

Estão sendo activados os preparativos para a realização, nesta capital, de um congresso catolico.

Promovido pelos patrões do carolissimo dr. Campos do Amaral, testa de ferro da União Popular Catolica, este congresso, que será efectuado na segunda quinzena de agosto ou na primeira de setembro, tem por fim tecerem eles os seus pauzinhos para levarem avante o seu desejado intento, isto é, intruduzirem o ensino religioso nas escolas publicas e conseguirem a pepineira da subvenção para as suas escolas particulares.

Sim, para as suas escolas que, actualmente, já se contam por muitos pares, como os orfanatos, asilos, conventos, irmandades, etc., etc.

Para levarem á pratica tão gran de crime contra a constituição e contra a liberdade de pensamento, procuram engasupar a classe operaria, propondo estudar, no seu primeiro tema, as bases para uma vasta associação a ser fundada neste Estado, tendo em vista não somente os socorros mutuos, como outras tantas armadilhas em que pensam fazer cair os incautos trabalhadores.

O que, porêm, me causa admiração é ver o professorado das alterosas montanhas manter-se no fundo das mesmas sem se atrever a dar um passo para ganhar o seu cume e lançar a vista pelo que se passa por esta desventurada terra.

Mas, que se pode esperar de um professorado que, em sua grande maioria, só se preocupa de receber os seus honorarios no fim do mez? Infelizmente, nada.

E do operariado? No actual momento, bem pouco, desgraçadamente, ainda se pode esperar dele. Entretanto, essa classe já principia a se movimentar, começando a aparecer os seus protestos contra a ideia malevola e traiçoeira do clero que age em Minas.

Julgo, porêm, que, agora, os protestos pouco eco encontrarão indo eles de encontro ao carolismo dos que nos julgam governar... e governam mesmo a muque...

E aí temos o dr. Delfim Moreira e a sua comitiva que farão tudo quanto estiver dentro e fora do seu alcance com o fim de introduzir o padre nas escolas publicas, para completa desmoralização da terra de Tiradentes.

Aí fica, entretanto, o meu protesto contra o ensino religioso, contra a subvenção aos padres e, sobretudo, contra a tal organização operaria, pois conosco nada teem que ver os roupetas.

E termino esta esperando que o professorado e o povo mineiro se levantem para opor um dique a tamanhos abusos.

Aquelino Condon.

Pelas vitimas politicas da reacção italiana

O comité ha pouco formado com o encargo de prestar daqui todo o apoio aos dedicados companheiros da Italia, que veem de sustentar uma luta heroica contra os elementos reaccionarios, prossegue activamente nos seus trabalhos.

A subscrição aberta, apesar dificuldades do momento, vai encontrando bastante apoio em todo o interior.

Em favor dos comicios que o comité resolveu realizar, ha tambem uma grande e favoravel espectativa.

Hoje, ás 19 horas (7 da noite), realizar-se-á o primeiro, no salão da rua Guagurú, 70, na Agua Branca.

Amanhã, domingo, ás 14 horas (2 da tarde), realizar-se-á outro, no Bom Retiro, á rua Julio Conceição, no salão dos circulos republicanos italianos.

O Comité de Relações dos Grupos Anarquistas distribuiu um boletim convidando o povo trabalhador a comparecer a todos os comicios que se vão realizar e a prestar toda a sua solidariedade ás vitimas da reacção dos governantes monarquicos italianos.

⁂

E o seguinte o manifesto dos elementos avançados de S. Paulo:

Agendarmaria de S. M. Vitorio III, iniciando em Ancona, com um acto de violenta prepotencia, por ocasião dos anuais festejos em honra de um mentiroso estatuto, um novo massacre de trabalhadores — mesmo provocando um salutar despertar do povo e um valente protesto proletario — estendeu por toda a peninsula o regimen saboiano das sanguinarias violencias.

A agitação contra as malditas companhias de disciplina, nas quais se submetem a um sistema inquisitorial todos aqueles jovens que, chamados ás armas, não se sujeitam a amoldar o seu pensamento á estampa do bestunto dos agaloados, foi, para a reacção, o almejado pretexto para tentar reter o actual reflorescer dos elementos rubros que um ano de nacionalistica embriaguez não conseguiu sufocar. E escolheu a reacção o dia do estatuto justamente para salientar que a magna carta albertina não passa de uma equivoca concessão monarquica, revogavel todas as vezes que revoga-la seja conveniente a um rei megalomano e a um esbirro rufião e impulsivo; justamente para reafirmar que o dominio dos austriacos principes saboianos, não obstante a ficção parlamentar, permanece um governo de classe, quando não um governo pessoal, cujos actos são confiados aos bajuladores da corte e aos favoritos das, antes e depois, viuvas inconsolaveis.

O torvo assalto da reacção estava preparado e premeditado; esta nova gloria da Casa de Saboia não é um facto casual: o massacre praticado sobre toda a peninsula era desejado. O governo de Salandra apressou-se a encorajar os assassinos em nome dos interesses da patria.

E a patria, neste caso, é um punhado de ladrões; é um punhado de arrasta-espadas; é Francisco Maria Januario Vitorio III.

Pois bem: abaixo os Saboias! abaixo o militarismo! abaixo a camorra aristocratica e burguesa! abaixo o nacionalismo que arregimenta para as suas demonstrações toda a escumalha das cadeias, das sacristias e dos bordeis!

⁂

Distantes do paiz onde se desenrola e ferve nesta hora a generosa insurreição popular contra todos os assassinos fardados e contra todo um sistema politico-economico de tirania e de exploração, não podemos avaliar, através das incertas noticias que nos chegam por meio dos telegramas dos jornais, noticias que a regia censura castra e dita a seu talante e que os mesmos jornais não raro falseiam em beneficio do nacionalismo monarquico, não podemos avaliar toda a importancia do actual movimento.

E por isso não podemos sugerir uma concreta linha de acção que seja a prova tangivel da nossa real solidariedade com os subversivos da italia, que, ainda uma vez, reafirmam hoje, pelas praças, o espirito tradicionalmente insurrecional da raça que seculos de tirania não puderam aviltar.

E por isso — apesar de não escluir a possibilidade de novas e mais audazes iniciativas determinadas de acordo com o desenrolar dos acontecimentos — nós dirigimos um apelo a todos os subversivos e aos proletarios residentes neste paiz para que, num generoso movimento, contribuam com a sua quota de solidariedade para socorrer ás familias dos mortos e dos presos e para ALIMENTAR A ACÇÃO E A PROPAGANDA REVOLUCIONARIA onde tão heroicamente se vem de afirmar neste momento de preparação dos novos destinos humanos.

Ajudemos ás vitimas

Armemos os reivindicadores!

CENTRO LIBERTARIO DE S. PAULO — CIRCULO SOCIALISTA — CIRCOLO REPUBBLICANO ANTONIO FRATTI — CIRCOLO REPUBBLICANO IX FEBBRAIO — LEGA DELLA DEMOCRAZIA — CIRCULO DE ESTUDOS SOCIAIS FRANCISCO FERRER.

JORNAIS — «LA PROPAGANDA LIBERTARIA» — «AVANTI!» — «A REBELIÃO» — «A LANTERNA».

N. B. — Todas as ofertas devem ser endereçadas ao sr. Ercolano Marinelli, residente em S. Paulo, á rua dos Imigrantes, 155, tesoureiro do Comité Permanente, ou ao proprio Comité, que tem a sua séde na redacção do *Avanti!* (rua José Bonifacio, 39, sobrado), onde se reune todas as noites, das 20 ás 22 horas.

UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessario insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositorio admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2$000, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro MAXIMIANO DE MACEDO, RUA SETE DE SETEMBRO, 59, SOBRADO, RIO DE JANEIRO.

O caso de Taubaté

Novas informações sobre certas "belesas" clericais — A moça volta ao lar paterno

Ainda sobre o caso de rapto da jovem, recebemos as seguintes informações, que dispensam mais comentarios:

«Confirmando minha carta de hontem, tenho a vos dizer que até a presente hora, 22, de 10, não houve ainda noticias da menor Carmelia, correndo duas versões sobre o caso: uma é que Carmelia, depois da missa das 9, no convento de Santa Clara (e não na Santa Casa, como me parece ter dito na minha carta de hontem), entrou no interior do convento, não sendo vista sair; isto diz uma moça de nome Alzira, de 17 anos, companheira de Cermelia e professora de catecismo dos frades. Esta é outra fanatizada, que passa a vida no convento e é filha da viuva Maria José, moradora á rua Santo Aleixo.

A outra versão, e esta parece ser a mais certa, é que Carmelia seguira de automovel para a estação do Quiririm e lá embarcára na Central para São Paulo, com destino a algum convento, constando tambem que seguira para Itú. O que é certo, porêm, é que a moça em questão desapareceu, tendo saido de casa dos pais no domingo, ás 6 horas, para a missa do convento. Hoje, durante o dia todo, continuou o interrogatorio do dr. Delegado, ao gordo fradalhão que dá pelo nome de Damião; de Alzira, a moça de que falei acima, e mais algumas beatas. O sr. Antonio Valvano, pai de Carmelia, está como louco a procura da filha.

Vamos ver em que dará tudo isto.

Acabo de saber, de fonte completamente insuspeita, que, perto do convento, existe uma casa onde mora uma mulher da santagrei e onde se reune diariamente muitas mocinhas beatas, em companhia de frades, mencionando-se o nome de um tal frei Angelo, muito querido das moças, e lá, dizem, tocam orgão, cantam e banqueteam-se a custa das esmolas dos papalvos, esmolas abundantes, é certo, pois aqui nesta culta cidade de Taubaté, vê-se diariamente, e principalmente aos domingos, um verdadeiro batalhão de moças e meninas, armadas de bandejas e bolsinhas a pedirem esmolas para todos os santos inventados pelos *santos* padres e frades. E todos dão: dão os carolas, dão os protestantes, dão os indiferentes e dão os livres-pensadores e anticlericais, porque nesta terra, exceptuando-se meia duzia de homens livres no verdadeiro sentido da palavra, todos temem os padres, porque a politica que domina e governa Taubaté é a politica dos padres.»

***

«Só hoje me é possivel dar cumprimento á promessa contida na minha ultima, acerca do caso cleri-Carmelia, o que não fiz a mais tempo por não me permitirem as minhas constantes ocupações, de empregado e de pai de familia.

Completando as informações, tenho a lhe dizer que Carmelia regressou ao lar paterno, trazendo de envolta com os pesares naturalmente causados por uma ausencia clandestina, a alegria aos pais que se sentem felizes por verem, afinal, a filha estremecida. Ela chegou aqui fazem 4 dias, vinda de S. Paulo, acompanhada por um secreta, e declarando ter estado recolhida no «Sanatorio Santa Catarina». E' digno de nota o procedimento do dr. Delegado de Policia, o qual, segundo dizem, empregou toda energia, procedendo com criterio raro nas nossas autoridades, em tratando-se de questões que se liguem ás sagradas pessoas de ss. reverendissimas os srs. padres e frades. O dr. Clovis de M. Barros, pelos modos, parece que não vai muito com esse pessoal de batina, o que será uma felicidade para Taubaté.

O pai de Carmelia pretendia, segundo afirmam, requerer para ela um exame medico, porêm, aconselhado por alguns figurões, desistiu desse intento.

Emfim, cada um procede de accordo com a sua consciencia e... *tableau!*»

CARTA ABERTA

A's Exmas. familias de Assis

O ideal sublime que vos congrega é naturalmente aspirado tambem por infinitas outras senhoras de todo o orbe, porque é proprio de vosso sexo o culto á caridade; porêm cabe a vós a gloria de serdes as primeiras que, no Rio Grande do Sul, mais praticamente procuram atingi-lo. Sois as primeiras que, de mãos dadas, vos propondes ir oferecer vestuario, embora modesto, e uma casa educativa gratuita ás pobresinhas despresadas, porque andam maltrapilhas, de pés nús.

O Club Beneficente de Senhoras que estais organizando, com os estatutos em elaboração, patenteará aos olhos de todos o resultado dos seus esforços, todos proficuos.

Ha por toda parte escolas primarias, publicas e particulares frequentadas por crianças todas bem vestidas, bem calçadas, uniformizadas.

Para as outras crianças, cujos pais ou encarregados não podem manda-las, assim a instruirem-se, é que vindes oferecer a escola gratuita de ensino racional.

Contam-se ás dezenas as infelizes meninas que por aí andam expostas ás peores das infelicidades, criando-se ignorantes de tudo que é nobre, miseravelmente embrutecidas, absolutamente inuteis, despresadas de todos.

E' mesmo de confranger a alma dos menos sensiveis ás desgraças alheias o que se observa por aí além, por todo o Rio Grande, por esses ermos onde jámais penetra um raio do sol consolador da civilização!

E, entretanto, quantas esposas de operarios, de jornaleiros, de trabalhadores, quantas mães de familia utilissimas a si, aos seus e á propria sociedade, dali poderão sair com o vosso humanitario auxilio!

O vosso caridoso gesto a bem dos realmente pobres obedece a um sentimento que deve ser inato a todo o individuo que o evoluir social colocou em posição dirigente, qual seja o interesse paternal pelos menos capazes na luta pela vida.

E' dever dos dirigentes concorrer para que *ninguem* deixe de estar em condições de bem satisfazer os seus deveres, quer civis, quer sociais, quer domesticos.

Daí o dever constitucional dos governos ministrarem a instrucção ao povo.

Creando, portanto, a escola gratuita de ensino racional, ides em auxilio do governo e dele, certo, tereis apoio.

E posso dizer-vos que o exmo. sr. Intendente desse Municipio, dr. Trois, já se manifestou disposto a auxiliar-vos da melhor forma que lhe permitam os recursos de que dispõe a municipalidade.

O Club Beneficente de Senhoras que estais organizando destaca-se soberanamente de todas as outras corporações congeneres, porque visa socorrer exactamente os que por aquelas são repelidas.

O que, porêm, mais nos faz dobrar os joelhos perante vós é o vosso altruismo incomparavel. E' a maneira altamente pratica porque ides proteger os pobresinhos. São as lições que nos dais da grandeza de vossas almas, da ternura de vossos corações.

Em nome dos pobres que ides proteger eu beijo ás vossas mãos.

Pythagoras.

P. Alegre, 3 de março de 914.

Anti-clericais!

Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

ACÇÃO LIBERTARIA

A reunião de domingo

Esteve muito concorrida a reunião convocada pelo Centro Libertario e realizada no domingo passado.

A sala da Lega della Democrazia encheu-se inteiramente, notando-se tambem a presença de elementos da Lapa, Agua Branca e Ribeirão Pires e registrando-se as representações seguintes: Centro Libertario, Circulo Dramatico Libertario, Grupo de La *Propaganda Libertaria*, Grupo de *A Rebelião*, de S. Paulo, e Grupo Anarquista Renovação, de Santos. O Circulo de E. Sociais, de Jardinopolis, na impossibilidade de se fazer representar directamente, comunicou a sua adesão por escrito, declarando-se solidario com as deliberações que se tomassem.

Aberta a sessão por um membro do C. L., foi pelo mesmo lida a circular do comité internacional encarregado dos trabalhos preparatorios do Congresso Anarquista Internacional e feita a relação do que já havia sido realizado e que estava resumido nas duas circulares distribuidas pelo Centro e tambem lidas na ocasião. Pelo mesmo foi comunicado que, segundo as informações recebidas, sabe-se estarem sendo preparados relatorios sobre o movimento libertario de varios pontos do Brasil, já se encontrando em poder do C. L. o de Ribeirão Preto.

Não havendo opinião alguma contraria a que o elemento anarquista do Brasil adira ao dito Congresso, travou-se desde logo a discussão sobre se havia conveniencia em ser a ele mandado um delegado directo, o que se resolveu afirmativamente após animada troca de ideias e contra a opinião de poucos camaradas, que julgavam suficiente enviar-se o relatorio em preparação.

Foi a seguir nomeada uma comissão, composta de representantes das agrupações presentes, encarregada de entrar a respeito em comunicação com os demais grupos do Brasil e de promover uma festa e abrir uma subscrição afim de se conseguir os recursos necessarios para se fazer face a todos os gastos.

Tratou-se depois da premente necessidade de, para maior proveito dos esforços empregados, unir o elemento libertario em grupos, que depois poderão estabelecer uma acção conjunta por meio de um comité de relações. De dar inicio a esta iniciativa ficou encarregada a comissão já nomeada, que vai convocar imediatamente os elementos dos diversos bairros, procurando fundar centros em todos eles e em outras localidades.

Terminando os seus trabalhos, decidiram os libertarios prestar a sua inteira solidariedade aos rebeldes da Italia, na grande luta que com admiravel valentia sustentam naquele paiz ficando a comissão anteriormente organizada incumbida de entrar em acordo com o Comité Permanente Pró-Vitimas Politicas da Italia sobre os comicios de protesto contra a prepotencia de que está sendo vitima o povo trabalhador italiano.

A reunião de amanhã

Terá lugar amanhã, domingo, ás 7 horas da noite, na sala da Lega dalla Democrazia, a rua José Bonifacio, 39, sobrado, uma nova reunião para conclusão dos trabalhos iniciados.

Tratar-se-á do seguinte: Temas para o C. A. I. — Grupos e Comité de Relações — A organização operaria e os anarquistas.

E' preciso a comparencia de todos os libertarios.

A subscrição Pró-C. A. I.

Dando execução á incumbencia que lhe foi confiada na reunião de domingo, a comissão libertaria já está distribuindo as listas de subscrição destinadas a conseguir os recursos necessarios para cobrir as despesas da representação ao C. A. I.

Todas as quantias deverão ser enviadas a Galileu Sanches, Caixa Postal, 208 — S. Paulo.

A FESTA — Com o igual fim, já organizou a mesma comissão uma festa, que será realizada num cinema do Braz, na primeira quinzena de julho.

Os libertarios do Braz

Para tratar de organizar o centro do bairro do Braz, convocou a comissão todos os libertarios residentes nesse bairro para uma reunião, que se realizará depois de amanhã, segunda feira, as 7 horas da noite, numa das salas da rua Müller, 74.

No Rio de Janeiro

Os anarquistas da cidade do Rio de Janeiro, premidos pela escassez de tempo, que não lhes permitiu uma reunião mais ampla em que tomassem parte companheiros de outros Estados e cidades, resolveram ir de encontro á iniciativa que, neste momento se agita no campo anarquista, para se fazerem representar os anarquistas do Brazil no Congresso A. Internacional, a reunir-se em Londres, no mez de setembro proximo.

Em duas assembleias que efectuamos, foi completamente discutida essa ideia, ficando assentado que será de grande conveniencia que possamos, os anarquistas do Brazil, enviar um representante directo ao congresso de Londres, uma vez que assim acordem os nossos camaradas que, em Santos S. Paulo e outras cidades tiveram tambem essa iniciativa.

Foi nomeada uma comissão encarregada de promover uma subscrição entre os camaradas, para prover as despesas do representante que for escolhido e se entender com os anarquistas e grupos anarquistas que queiram ou já estejam trabalhando no mesmo sentido.

Essas deliberações, assentadas pelos anarquistas do Rio de Janeiro, representam apenas o acordo de ideias em que estão e o proposito que alimentam de colaborarem com os companheiros de outros pontos do Brazil, no mesmo desideratum.

Assim, pedimos aos camaradas que nos comuniquem: — o que resolveram nesse sentido, isto é, se pretendem enviar um delegado directo ou indirecto; como pensam fazer a escolha desse delegado; se já teem em vista algum camarada para desempenhar essa missão; com que grupo já se comunicaram; com que elementos materiais já contam e quanto julgam necessario para as despesas do representante.

Dentro de poucos dias, poderemos informar aos camaradas a importancia atingida pela subscrição que está correndo entre os companheiros desta cidade.

Qualquer comunicação que nos tenham a fazer, deve ser dirigida ao camarada José Wisman, á rua do Andradas, 87, primeiro andar. — *A Comissão.*

BILHETES E RECADOS

Coritiba — L. de V.: Contamos com o prometido... que é devido. Saudações.

Pitangueiras — J. M.: O seu pedido de folhetos foi satisfeito logo após o recebimento da sua carta. Saudações.

Rio — J. Antunes: Modificámos a sua direcção. Pois o jornal é expedido sempre com toda a regularidade. Convem reclamar do carteiro ou da agencia do distrito. Saudações.

Belo Horizonte — J. Gomes: Remetemos-lhe logo o seu pedido de livros e retratos. Sim: Abaixo essa caterva de vampiros sociais! Saudações.

Florianopolis — C. E. de M.: Já lhe terão chegado ás mãos os folhetos. Continuamos a receber com pontualidade o valente *Clarão*. Saudações.

S. Luiz — J. B. Mendes: Folgamos em travar relações com um tão entusiasta amigo da *Lanterna*. Aceitamos, agradecidos, o seu oferecimento valioso, que aproveitariamos desde já se o amigo podesse dar andamento á nossa cobrança nessa cidade. Saudações.

Rio Grande — M. J. P.: Recebemos o vale com as importancias das assinaturas dos srs. J. F. D., M. B. e dos constante da sua carta anterior. Agradecemos o trabalho feito em favor da *Lanterna*. Não temos aqui os dramas pedidos, mas estamos tratando de os obter. Escrever-lhe-emos. Saudações.

Niteroi — J. M.: Do João recebemos os 6$ de M. S. e G. P. Os artigos sairam, mas não, por certo, com a prestesa com que os escreveste... Tambem arruma-nos com cada um... Os homens começaram agora, finalmente, a permutar com a *Lanterna*. A sua orientação actual diverge da que lhe emprestavam os seus primeiros redactores. Agora é mais *doce*... e mais perigosa. Interessantes os teus *P. S. ao A. L.* E estranhas que o *patrão* tenha protestado? Pois se aquilo está a cheirar enxofre... Prega-lhe como uma dose de Cantú... Saude!

Rio — Adrecal: Então, queres que eu grite: Sentinela, alerta! Conto com a resposta imediata: Alerta estou! Saude!

Rio — Macedo: O erro do endereço saiu somente em alguns exemplares dos que foram para aí. Recebidos os pacotes dos *Cantos Sociais*. Irá o papel carimbado. Entrega ao João 7$ para a *Voz*: 5$ de J. Bin e 2$ meus. Recomende aos assinantes que reclamem sempre dos carteiros e agencias dos distritos. E' o que de mais pratico ha a fazer. Saudações aos companheiros da Liga.

Minas — Beato da Silva: Em que recanto dos sertões das alterosas te encontras em retiro espiritual? Recebi as tuas duas cartas, o cartão e as poesias. Se fores a Taboleiro, abraça por nós o bom Foscolo. O negocio acabou como sabes pela *Lanterna*. Fazemos votos para que, com as forças perdidas, readquiras as boas graças do irrequito Cupido... Nós cá te esperamos. Saudades de todos.

Porto Alegre — Cecilio: Os livros vão ser editados pela E. M., para a venda geral, mas ainda estão em começo de preparação. Não convem fazer a tradução da coleção espanhola. E' melhor escrever directamente ao N. sobre o seu negocio. Magnifica a iniciativa do C. de E. S. Riscámos o tal endereço. Folgo com a noticia da aragem de entusiasmo... Cá te esperamos. Saudações a todos... menos ao dos murros, que ainda aqui está.

Botucatú — J. B.: Mandaremos os ns. pedidos. Saudações.

S. Paulo — P. S.: Agradecemos a participação. Fizemos a transferencia do endereço. Saudações.

Ponta Grossa — P. C.: Foram entregues ao companheiro J. A. os 4$ para *Volontà*. Saude!

Belo Horizonte — O. de F.: Fizemos a transferencia do seu endereço. Se deseja, podemos mandar novo pacote. Saudações.

Lorena — E. J. N.: Recebemos a comunicação do curioso facto, que aproveitaremos para uma nota. Saudações.

Florianopolis — A. R. da S.: Mandamos-lhe o folheto pedido. Saudações.

Rio — J. de S.: Foi satisfeito o seu pedido de folhetos. Saudações.

S. Roque — C. N.: Mesmo assim o companheiro poderá prestar o seu concurso ao trabalho de propaganda que se está fazendo. Saude!

Araraquara — J. L. K.: Vamos remeter-lhe os folhetos que deixou pagos e chegaram agora. Publicaremos a nota. Saudações.

Santos — Q. R.: Remeter-lhe-emos o folheto. Saudações.

Amargosa — Dr. L. C. R.: Agradecemos-lhe, penhorados, o donativo enviado e as bondosas palavras de incitamento que nos dirige. Saudações.

Recife — Liga Anticlerical: Para conseguirmos dar maior divulgação ao jornal e aumentar o numero dos seus assinantes é que usamos desse meio — aliás de praxe na imprensa — de o enviar ás pessoas conhecidas como partidarias da sua propaganda. Infelizmente, porêm, não o podemos manter sem a contribuição dos que o recebem. A irregularidade era do Correio daí, pois a sua expedição é feita com toda a regularidade. Os nossos agradecimentos pelos esforços empregados. Saudações aos companheiros todos.

Candido Rodrigues — E. N.: Chegaram tarde para o n. transacto. Foi sempre assim: a acção proficua em prol da causa vence todas as questiunculas perturbadoras. Saudades de todos.

Deus não se lembra...

Telegrafam de Berlim em 5 de maio:

"A Igreja Evangelica leva ao conhecimento dos fieis uma ordem regia segunda a qual devem ser compreendidos nas preces publicas, não só o exercito e a marinha, mas ainda os aeronautas e os aviadores. Esta ordem é datada de Achillem (Corfu)".

La Pensée, de Bruxelas, comenta assim este telegrama:

"E' sabido que o Deus cristão é incapaz de, por si só, atinar com o que ha de fazer. E' preciso estar sempre a lembrar-lhe que tem de proteger este e de fazer triunfar aquele. Não havia duvida de que protegia o exercito alemão, mas pensava ele nos aviadores? A invenção é tão recente que talvez ele ainda não a conheça lá em cima, por trás do ceu das estrelas fixas. Felizmente, Guilherme lembrou-se da coisa. Estando em Corfu, redige num instante um ukase á sua Igreja, intermediaria entre os Hohenzollern e o seu colega lá das alturas. Que desgraça não se ter ele lembrado disso mais cedo! Com certeza, não teria havido tão grande esmigalhamento de Zeppelins!"

NO PARANA' E NA SOROCABANA

O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha está percorrendo o Estado do Paraná, devendo depois descer pela linha Sorocabana.

Por certo, não negarão os nossos amigos e assinantes das localidades que vão ser percorridas a coadjuvação dos seus esforços para o bom bom exito da missão do nosso companheiro.

Os clichés da "Lanterna"

Resolvemos vender todos os clichés já publicados pela *Lanterna* e que podem ser aproveitados para almanaques, revistas, jornais, avulsos, etc.

Preços, livres do porte e do registo do correio: de 3 colunas, 3$000 de 2, 2$000.

VIDA OPERARIA

DE MINAS

O ESTADO AGONIOSO DO OPERARIADO MINEIRO

Não posso deixar de fazer algumas observações sobre o artigo aparecido ha pouco na *Lanterna* sob a epigrafe supra e assinado por A. F., que nele falou da apatia do operariado mineiro.

Terá A. F. percorrido todas as zonas deste estado, visitado as suas cidades e centros industriais para falando da vida angustiosa dos trabalhadores, tirar a sua conclusão? E, se assim não fez, como pôde falar do agonioso estado do operariado mineiro?

Sabendo tambem algo a respeito dos acontecimentos da familia proletaria deste grande Brasil, pergunto eu se os males de que é vitima a classe operaria desta capital mineira não terão sido provocados pela invasão dos jesuitas ociosos e a liberdade de acção de que dispõem os exploradores?

Isso, porêm, não impediu que mesmo aqui, no meio desta canalha e daqueles nossos irmãos de trabalho que ainda ignoram os meios ao seu alcance para se defenderem, surgisse um pequeno grupo de homens decididos, empenhados na realização de tudo quanto está ao seu alcance, trabalhando insistentemente pela organização da classe operaria em sindicatos com a orientação da C. O. B.

Eis porque não posso concordar, de forma alguma, com parte da missiva referida, pois com isso pareceria dar prova de ignorante submissão ao capitalismo, quando, ha já bastante tempo, faço parte do nucleo dos rebeldes.

***

Degradante e digna de censura é a atitude de varios operarios desta cidade, que se declaram partidarios das ideias avançadas, mas indiferentemente, covardemente, presenciam os actos mais infames cometidos contra os trabalhadores sem uma simples manifestação de protesto.

Continuaremos neste indiferentismo?

Quais os meios mais praticos para que, com energia, possamos desenvolver a nossa acção e conseguirmos o fim que almejamos?

Adiante, trabalhadores! Trabalhemos pela formação dos nossos sindicatos, de um de um grupo libertario, de uma liga anticlerical, pois só assim chegará o momento em que na terra onde dominam os jesuitas e mercadejam com o braço produtor, surjam os homens decididos para o combate necessario.

Belo Horizonte.

A. Zanella.

N. da R. — Parece haver um malentendido na primeira parte da correspondencia do companheiro A. Zanella, que, devido a um contratempo, só agora aparece.

Salientando, no seu artigo, A. F., o estado de penuria em que se encontram os trabalhadores de Minas, em consequencia da desmedida ganancia dos capitalistas e tambem da desunião, não teve em mira, por certo, menospresar a obra daqueles que, como os dedicados companheiros de Belo Horizonte, se esforçam para arrancar á apatia o proletariado daquele estado que, infelizmente, na sua grande maioria, ainda se mostra indiferente á nossa obra.

Oxalá todos os trabalhadores fizessem tanto quanto fazem o camarada A. Zanella e os demais companheiros com quem ele peleja.

E de outra fórma não pensa, estamos certos, o bom amigo A. F.



Pagamento em generos

O *Industrial*, jornal boliviano, publica o seguinte preço de tabela para um casamento na paroquia de Jalapalca:

1 Um cordeiro ou 5 galinhas e um galo;

2 Tres escudos de prata, mais três do pai;

2 Trinta e seis metros de tecidos;

4 Doze quilos de lã;

e a obrigação, para a esposa, de estar trinta dias em casa do paroco. na qualidade de criada para todo serviço!...

O direito de *pernada* tambem?

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos at‹nder os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

Retratos de José Nakens, 1$500 réis.
» de Pedro Gori, 1$000 reis.
» de Caetono Bresci, $500.
Alegoria com o retrato de Forrer, a 1$000 reis.

EM PORTUGUÊS

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1.º e 2.º Congressos Operarios Brasileiros	1$200
Cantos Sociais (diversos autores)	$200
Almanaque de *A Aurora* para 1913	1$000
Almanaque de *O Livre Pensador*	1$000
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno*	$200
Pedro de Mello, *Sonho dantesco*	$200
Domingos Zapata, *As 67 celebres perguntas*	$200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja*	$200
Ex-padre Guilherme Dias, *O que é o celibato*	$200
Nathanael Pereira, *A educação religiosa*	$200
Eugène Pelletan, *A Inquisição*	$200
Dr. N. Rouby, *O Sagrado coração de Jesus*	$200
Monsenhor Sylvestre de Chateaurenard, *O Celibato*	1$200
Neno Vasco, *Da porta da Europa*	2$500
Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista*	1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*	1$500
Luiz Bulfi, *Greve de Ventres*	$200
José Prat, *A burguesia e o Proletariado*	$300
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu*	$200
José Rizal, *Noli me tangere*	$600
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro*	2$000
Carlos Dias, *Semeando para Colhêr*	$200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno*	2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)*	2$000
Pedro Kropótkine, *Os Bastidores das guerras*	$100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico*	$200
Neno Vasco, *Giórgicas* (ao trabalhador rural)	$100
Errico Malatesta, *Entre camponeses*	$200
Afonso Costa, *Album Popular Brasileiro*	2$000
Chacon Siciliani, *Mentiras Divinas* (cartas aos crentes)	1$500

EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana*	$200
Antonio Labriola, *Del Socialismo*	$400
Gaetano Zibordi, *La historia di Federico*	$400
Um laico, *La politica eclesiastica in Italia*	$300
Giovanni de Nava, *Delinquenza e Misticismo*	$200
P. Guarino, *Sole a Scacchi*	$400
L. Campolonghi, *Azione Sindicale*	$300
G. Stiavelli, *Il Primo Maggio nella letteratura*	$400
G. D'Amato, *Ai ragazzi felici*	$200
Paul Adam, *Il figliuol prodigo*	$200
Francesco Pucci, *Il dovere di organizzarci*	$200
F. Niccolini, *Il pane gratuito*	$200
Guido Podreca *Il divorzio*	$200
Maximo Gorki, *Interviste*	$600
» » *Il compagno*	$200
» » *L'uomo*	$200
Eliseo Reclus, *I prodotti dell'industria*	$200
» » *I prodotti della terra*	$200
Leda Rafanelli, *Alle madri italiane*	$200
Paul Lafargue, *Il diritto all'ozio*	$200
Dott. G. C. C., *Guerra all'alcool*	$200
G. Pozzi, *Favole ed apologhi socialista*	$200
Oreste Ristori, *Polemiche sull'Anarchia*	$300
» » *Operai, non bevete!*	$100
Pietro Kropótkine, *L'agricultura*	$200
Leone Tolstoi, *Contra la guerra russo-giapponese*	$300
E. De Amicis, *Il socialismo e l'eguaglianza*	$100
» » *Consigli e moniti*	$100
E. Vandervelde, *Le città Piovre*	$200
C. Andrea, *Un Sogno*	$100
» » *Il socialismo*	$100
C. Monticelli, *Il primo giorno del socialismo*	$300
» » *Lo Sciopero*	$100
E. Ciacchi, *Ai contadini*	$100
» » *Le nostre Leghe*	$100
Dott. Biel, *Il socialismo per tutti*	$100
O. G. Viani, *Abbecedario dell'economia Sociale*	$200
G. Renard, *Agli Studenti*	$100
Leopoldo de Fazio, *Canzone vegetale*	$300
A. Valente, *Conferenze socialiste*	$300
F. G. Paoloni, *Primo Maggio*	$100
B. Carlantonio, *Le Istituzioni e la Morale*	$100
Ferri e Ciccotti, *Contro la marina militare* (discorsi)	$300
» » *Per la riduzione delle spese militari.*	$300
Resoconto del *1.º Congresso dei lavoratori della terra*	$200

EM ESPANHOL

Lo que entiendo por libre pensamiento, por Francisco Gicn	$300
La educacion sexual, conferencia pela professora Raquel Camaña	$400

Em todos os preços acima está incluido o porte de correio.

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
Sonetos Piadosos, por varios.

EM FRANCÊS

JeanGrave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére*	$100
Pedro Kropotkine, *L'Esprit de Révolte*	$200

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornais, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitattvos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos osa sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32.
Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.
Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.
Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.
Avenida Passos, 122, engraxate.
Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.
Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.
Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.
Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.
Largoo da Carioca, 2, com o sr. Paschoal Trote.
Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Müller, 74, a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — ***leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.***

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do pais)

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livresdo porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 » »	41$000
100 » »	14$000
50 » »	7$000
Avulso	200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.

Um volume de 112 paginas, 1$500. Pelo correio 1$700

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por alguinas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

* * *

Preço, livre de porte, 2$500.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;
Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;
Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;
Em Bagé — Amantino O. Santos
Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar	200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

A APARECER BREVEMENTE

"NOVOS HORIZONTES"

Revista quinzenal de sociologia, arte, sciencia, literatura e critica

PAGINAS ICONOCLASTAS DE LIVRE EXAME, DE GUERRA ABERTA E IRREVERENTE AO DOGMA, Á ROTINA, AOS PRECONCEITOS E Á TRADIÇÃO

Colaboração revolucionaria — Caricaturas demolidoras

NUMERO AVULSO 200 RÉIS

Correspondencia a *Nilo Ferreira*, Rua dos Andradas, 87, Rio de Janeiro

POSTAIS DE FERRER

Recebemos uma nova remessa de postais com o retrato de Francisco Ferrer, que são vendidos a 1$500 a duzia.

Só serão atendidos os pedidos acompanhados das respectivas importancias.

Coleções completas da "Lanterna"

Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna adquirirem a coleção completa dos seus quatro anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.

Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 50$, os quatro anos da presente fase, encadernadas em capa cartonapa.

Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivasimportancias.

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario comunista-anarquista com suplemento literario.

Um ano	8 franco
Meio ano	4 »
3 mezes	2 »

FOLHETIM DA LANTERNA (23)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para 'A Lanterna'

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XII

O filho do milagre

— E que é feito dela? perguntou Santafierno em voz surda.

Eram as suas primeiras palavras; o dominicano carregou o sobrolho, melindrado em seu fanatismo inflexivel por aquele sentimento humano.

— Que vos importa? disse ele severamente. A vida dessa mulher obscura, por meio da qual prouvera a Deus manifestar o seu poder, foi poupada e consagrada desde então á penitencia. O nosso reverendissimo padre achou-lhe, para o resto dos seus dias, um pio asilo.

O cavaleiro, por mais duro que fosse, não pôde deixar de estremecer. Um pio asilo, ele sabia o que isso queria dizer: o *in-pace* perpetuo no fundo dum claustro ignorado!

Mas sentia-se dominado pelo olhar do frade e, depois, era nele bem fraca a fibra filial. Absteve-se de insistir na sorte de sua mãe e, pensando em si proprio, com o coração entumecido de rude e confusa ambição, perguntou:

— Posso finalmente proclamar alto o nome de meu pai, o nome que me pertence?

— Tudo pertence a Deus e só a Deus, respondeu o inexoravel Oliva. Sua Santidade o papa Alexandre VI, a quem o reverendo padre Torquemada quiz respeitosamente consultar, decidiu que, para bem da Igreja, devia o vosso nascimento permanecer secreto pelo menos até ao vosso vigesimo setimo ano, numero fatidico, pois nascestes a 27 de maio de 1492, dia em que a Chipa completava tambem vinte e sete anos.

— Ah! murmurou Santafierno admirado.

Alexandre VI era Rodrigo Borgia, nascido na Espanha e perfeito conhecedor dos seus compatriotas, mas bem diferentes deles pelo seu scepticismo profundo e seu desenfreado sensualismo. Não era crivel que tal homem visse a mão da Providencia onde um iluminado feroz como Torquemada vira um milagre! Aquele pontifice, cuja vida privada era um escandalo perpetuo, tinha decerto, mais circunspecto quando dos outros se tratava, receado um escandalo para a Igreja.

— A decisão do Santo Padre, continuou Olivar, foi esperar que tivesseis a idade prescrita para divulgar o milagre e revelar-vos a vós mesmo o segredo do vosso nascimento. Porque deve sempre prever-se alguma armadilha do diabo, e o sangue da antiga boemia podia falar em vós. Por isso vos deram o nome de Santafierno, que indica que a graça divina e o inferno iam disputar a vossa alma.

"Fui eu o encarregado de velar pela vossa educação dirigindo-vos pela senda do Espirito Santo, pois o excesso de sciencia leva ao orgulho fonte de perdição. Depois, o que a Igreja, ameaçada pela heresia, hoje mais necessita, não são sabios teologos, mas soldados, prontos a ferir implacavelmente logo que o ordene a Santa Inquisição. E' por isso que não tenho procurado extirpar de vós a rudeza e a brutalidade, as quais, embora defeitos em si, podem ser utilizadas para gloria de Deus!"

Olivar calou-se, achando por certo que nada mais tinha que dizer a Santafierno. Mas este não o entendia assim. Conhecia agora o misterio do seu nascimento, mas que vantagem tiraria ele daí? Que situação ia ocupar? Continuaria a ser para todos um cavaleiro duvidoso, bastardo incapaz até de nomear os pais? Travavam nele combate a rude ambição e a obediencia.

O dominicano compreendeu-o e ajuntou:

— Até hoje não vos tem faltado a protecção da Igreja, oculta, mas eficaz. Se a merecerdes, continuará a ser-vos dispensada. Preparam se acontecimentos graves, imensos talvez: a Alemanha freme ao sôpro peçonhento de Lutero, as Flandres estão pouco seguras, o rei de França inveja-nos e na propria Espanha os judeus e os arabes depuseram os germes malditos da heresia. Uma faisca poderá provocar o incendio geral, a revolta contra Deus, a Igreja, o rei. Nessa ocasião havemos de precisar de homens que firam com braço impiedoso, de um novo Simão de Montfort.

— De um carrasco, pensou Santafierno.

Este papel entrevisto em perspectiva não lhe lisonjeava muito o orgulho. Ambicionaria coisa melhor, contudo, não havia que discutir com o frade que se afastava agora, dando-lhe a entender com um gesto que estava tudo dito.

E no entanto quantas perguntas não estava Santafierno ardendo por lhe dirigir! Os particulares miraculosos referentes ao seu nascimento e o proprio nascimento tinham sido consignados em algum registro de igreja? A narrativa extraordinaria de Olivar podia ser confirmada por um testemunho escrito de autenticidade irrecusavel? Viviam ainda os outros três dominicanos testemunhas do milagre? Quem eram eles?

E não é tudo: até onde iria a protecção da Igreja bem devida á memoria do grande inquisidor? Permitir-lhe-ia ela a aquisição de titulos e honras suficientes para ousar pretender a mão de Maria Pacheco?

Porque, no meio dos sucessos que vinham sacudir-lhe a vida e das tempestades que nele rugiam, Santafierno continuava a sentir o mesmo desejo furioso de possuir a filha do marquez de Mondéjar...

Durante dois dias, teve força para refrear as paixões que, como outros tantos demonios, lhe uivavam na alma impetuosa. Sentia que o observava o dominicano, silencioso e impassivel. Mas, ao terceiro dia, não podendo resistir mais, perguntou subitamente a Olivar:

— Não vos parece, meu padre, que me seria necessario um brasão?

— Já! disse ironicamente o monge. O' orgulho humano!

E acrescentou, olhando de frente Santafierno, que empalidecia e franzia o sobrecenho:

— Quando tiverdes mostrado o vosso valor a serviço do rei e da Igreja, podereis obter armas. Arvorareis então a cruz e a espada em campo azul com esta divisa: *Semper servus*, significando que sereis sempre servidor da religião.

Santafierno estava compenetrado de fé cega nas coisas santas, mas nem por isso deixava de sentir um sobressalto de orgulho ferido ouvindo incessantemente o dominicano falar-lhe com aquela autoridade soberana e lembrar-lhe o dever de obedecer.

— Honrarei essa divisa respondeu ele, dissimulando a sua raiva. Espero que, com a protecção d'elrei nosso amo e a da Igreja, poderei desposar alguma nobre herdeira.

— A filha do marquez de Mondéjar, por exemplo? murmurou Olivar sardonico.

O cavaleiro, desorientado, fez um trejeito de exasperação. Era a segunda vez que Olivar aludia aos sentimentos dele por Maria Pacheco. Como sabia o frade ler-lhe assim no coração? Não havia naquilo milagre ou bruxaria? Decididamente envolvia-o por todos os lados o sobrenatural!

Mas Olivar não lhe deu tempo para exprimir as suas ideias. Com voz breve, voz de comando, ajuntou:

— Haveis de desposar quem a vossos protectores convier. Lembraivos de que, pelo nascimento, tendes o dever de imolar as vossas paixões, desejos e ideias aos interesses e á gloria da Igreja.

Não era animador, aquilo: Santafierno não insistiu e deixou ir o dominicano sem lhe fazer novas perguntas. Bem via que só consigo devia contar para saciar a sua paixão que, aparentemente refreada, cada vez se exasperava mais.

Olivar não falava em deixar o castelo, onde ele tomara muito naturalmente o lugar de frei Paco. Pela liberdade de que gozava, pelos recursos que obtinha quando queria e mais ainda pelo seu tão de frio comando, podia suspeitar-se nele

(Continúa)